

PSDB exige novo programa de petistas

Fechadas para Collor,
portas do PSDB
abrem-se para Lula,
com algumas condições

MARILENA DÊGELO

BRASÍLIA — No final de uma agitada reunião de mais de quatro horas, a comissão executiva do PSDB resolveu ontem sinalizar com dois gestos para seu eleitorado a posição que o partido deverá tomar no segundo turno das eleições presidenciais: fechou definitivamente as portas para Fernando Collor de Mello (PRN) e deixou-as entreabertas para Luiz Inácio Lula da Silva (PT). "Agora estamos esperando que eles nos procurem com uma proposta concreta", declarou o senador Fernando Henrique Cardoso. "Eles vão querer ganhar votos com aquele programa do PSB, PC do B e PT ou vão querer ampliá-lo?"

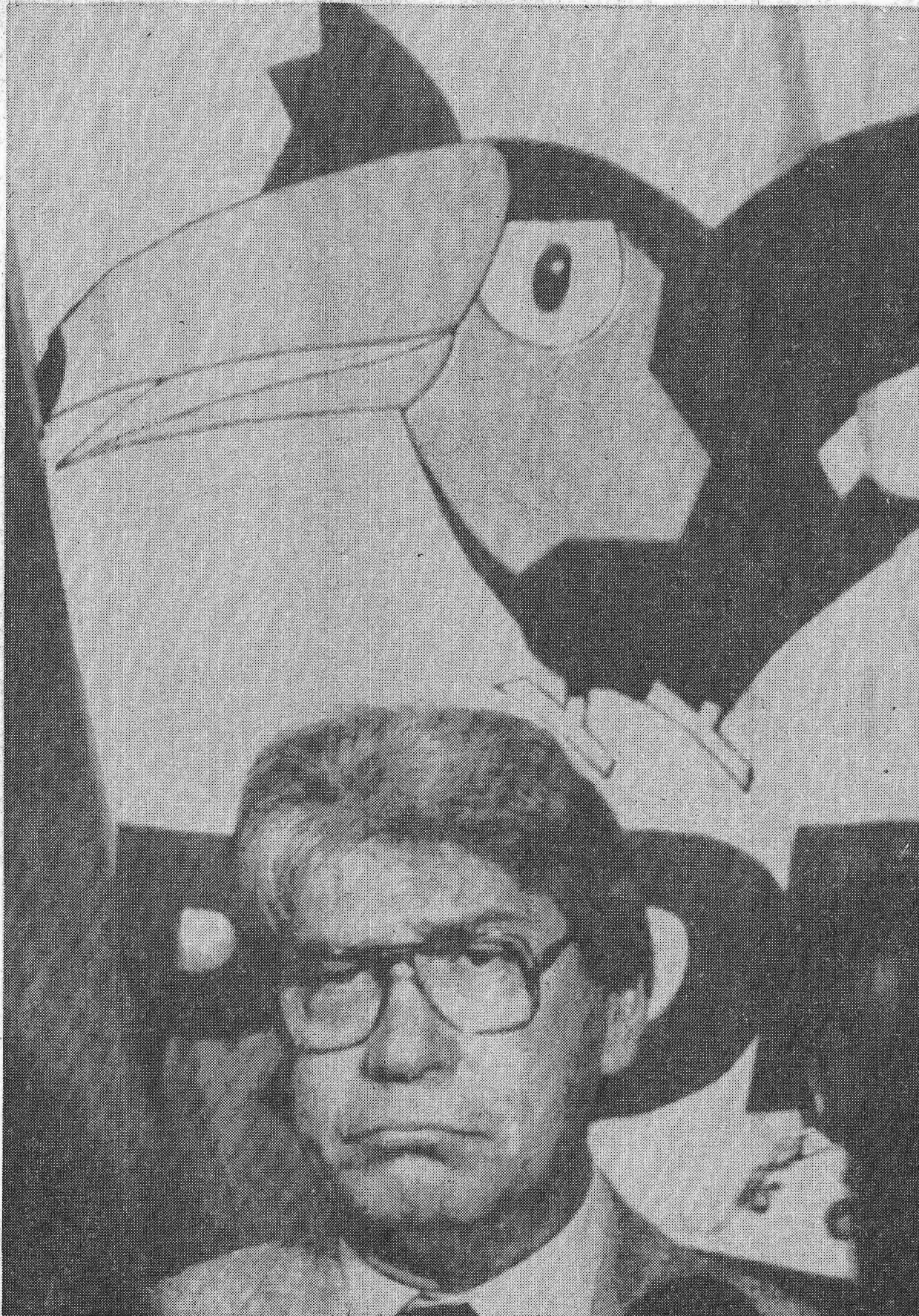
Para se chegar a esses gestos, os tucanos tiveram de derubar com duros argumentos a hipótese de o partido ficar neutro ou "independente" no segundo turno. Embora minoritária, essa posição foi defendida com veemência pelo senador José Richa, uma das principais lideranças do partido. Não adiantou o almoço na casa do vice-reitor da PUC, Eurico Borba, onde Richa tentou fortalecer essa opção junto com Hélio Jaguaribe; o presidente nacional do PSDB, Franco Montoro, e o deputado Jaime Santana. Richa, Jaguaribe, Montoro e Santana chegaram na reunião propondo simplesmente que a executiva divulgasse nota dizendo "não a Collor" e jogando a decisão sobre o apoio a Lula para o diretório nacional, que se reúne no sábado.

Num só golpe, no entanto, o ex-deputado João Gilberto (RS) rechaçou a idéia. "Não podemos repetir o PMDB, que se reúne e não toma decisão", frisou João Gilberto. Para ele e outros membros da executiva, a neutralidade só ajudaria Collor. O deputado mineiro Aécio Neves, que chegou à reunião mais favorável à independência do partido, acabou cedendo aos argumentos. No final, Aécio saiu convencido de que o partido deve levar à reunião do diretório as duas posições mais debatidas pela comissão executiva: o en-

325
gajamento total na campanha de Lula ou apenas um apoio crítico. "Temos que ressaltar as diferenças programáticas para não comprometer o partido na campanha", disse Aécio. "O PT é estatizante e o PSDB não é, eles querem a moratória da dívida externa e nós queremos negociar", completou.

Os tucanos resolveram deixar a porta entreaberta para que o PT rediscuta o programa de governo. Se isso não acontecer até sexta-feira, a executiva, mesmo assim, levará para o diretório a discussão do grau de engajamento do partido na campanha petista. "Mais pelo PT do que por Lula sabemos que dificilmente eles abrirão o programa", previu Aécio Neves. De qualquer forma, a executiva decidiu no final da reunião chamar o economista Edmar Bacha, no Rio, para analisar junto com o deputado José Serra as propostas econômicas do PT. Numa primeira avaliação do programa do candidato do PRN, entregue a Montoro sábado, os tucanos concluíram que as semelhanças com as propostas do PSDB ultrapassam o campo das coincidências. Segundo eles, é uma cópia perfeita. Mas isso não despertou interesse maior dos tucanos em apoiar Collor. "Ele é um filhote de ditadura", afirmou o senador Pompeu de Souza (DF).

A posição a favor de Lula também não foi aceita pela maioria da executiva com tranquilidade. Apesar do apoio silencioso do senador Mário Covas, um dos presentes na reunião precisou fazer um apelo: "Temos que eleger um presidente e Lula é o menos ruim". O senador José Richa, um dos mais resistentes ao apoio da Lula, concluiu: "O PT precisa então zerar a conta e começar a discutir de novo seu programa de governo". Para o senador paranaense, o PT deve abrir o programa se quiser agregar maior número de partidos. "O problema é deles, não é nosso", acrescentou. A idéia predominante na reunião era deixar passar o tempo. Segundo alguns tucanos, as divergências dos programas do PSDB e do PT são inconciliáveis. "Se não participarmos do governo do PT mesmo nas questões programáticas, pelo menos já sinalizamos o eleitorado numa direção e não poderão nos acusar de omisso", concluiu um dos membros da executiva. Amanhã a banca federal se reúne para amadurecer a posição sobre o grau de adesão dos tucanos a Lula.



Wilson Pedrosa/AE

Covas, antes da reunião do PSDB: o espírito da discórdia abre as asas sobre os tucanos